Para o James, de novo e para sempre.
E para a Antonia.

MEU AMOR, vem comigo
Ao palácio sob o mar
O rei esculpido espera, em mantos de ouro;
A sua história nunca é nova e nunca é antiga.

DE *O JARDIM DE PEDRA*, POR LAURENCE ARDOR,
LORDE DE LANDEVALE, 82 D. A.

A UNIVERSIDADE DE LLYR NA CIDADE DE CAER-ISEL

presidida pelo Ilustre Reitor Fogg

Faculdade de Arquitetura
Mestre — Mestre Corbenic
(*precedente*)
Cores — carmesim e preto
Símbolo — veado
Lema — *Do castelo à cripta*

Faculdade de Belas-Artes
Mestre — Mestre Beilock
Cores — azul-celeste e
amarelo de junquilho
Símbolo — sereia
Lema — *Extraído dos sonhos*

Faculdade de História
Mestre — Mestre Shanks
Cores — preto e branco
Símbolo — arminho
Lema — *Sabedoria acima
da riqueza*

Faculdade de Literatura
Mestre — Mestre Gosse
Cores — cor de esmeralda
e dourado
Símbolo — dragão
Lema — *A tinta é o sangue dos reis*

Faculdade de Música
Mestre — Mestre Trimble
Cores — violeta e prateado
Símbolo — cisne
Lema — *Cada voz ecoará*

OS SETE ADORMECIDOS DE LLYR

Aneurin, *o Bardo*
Perceval ab-Owain
Tristram Marlais
Gelert Bedwyn-Lawes
Robin Crother
Laurence Ardor, Lorde de Landevale
Emrys Myrddin

UM

Como é estranho viver tanto tempo na companhia das sombras
que, sem elas, sentimo-nos desamparados e sedentos pela escuridão.

DOS DIÁRIOS DE ANGHARAD MYRDDIN, 201 D. A.

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUESTIONAM O LEGADO DE MYRDDIN

Dois estudantes de licenciatura da Universidade de Llyr apresentaram documentos que, alegam eles, provam que a autoria do aclamado romance Angharad*, de Emrys Myrddin, foi uma elaborada farsa mantida ao longo de décadas. Os estudantes afirmam que Angharad foi, na realidade, escrito por Angharad Myrddin (de nascimento Blackmar), esposa do falecido Myrddin, e que o autor e outros membros do seu círculo conspiraram para publicar a obra sob o seu nome, fazendo-a passar por uma criação original sua.*

Angharad *é um artefacto literário de grande prestígio no património de Llyr, e o recente enterro de Myrddin no Museu dos Adormecidos reflete o impacto cultural significativo do romance. Publicado originalmente no ano de 191,* Angharad *narra a história de uma jovem seduzida e mantida cativa pelo Rei das Fadas, uma divindade feérica bela, mas sinistra e ctónica. O romance possui aquilo a que o professor de literatura e especialista em Myrddin, Cedric Gosse, chama «um apelo universal», sendo celebrado tanto pela crítica como pelo público.*

Para sustentar as suas alegações sobre a autoria de Angharad*, os estudantes apresentaram um diário e uma coleção de cartas, supostamente pertencentes a Angharad Myrddin, que, segundo eles, provam de forma*

conclusiva que Myrddin não foi o verdadeiro autor do romance. Cópias do diário e destas cartas foram obtidas em exclusividade pelo Times *e estão atualmente a ser analisadas pela equipa editorial. Serão avaliadas pelo nosso conselho editorial e, se a autenticidade for confirmada, o* Times *recebeu autorização para tornar os documentos públicos.*

«A importância destes documentos não pode ser subestimada», afirmou Gosse, que lidera o programa de literatura na Universidade de Llyr, em Caer-Isel. «Durante grande parte do século, Emrys Myrddin esteve envolto num véu de segredo e mistério. Estas cartas não só lançam luz sobre as circunstâncias que rodearam a escrita e a publicação de Angharad*, como também sobre a vida e o caráter do próprio autor. Devo dizer que estou tomado por uma enorme expetativa. Este é o momento mais emocionante da minha carreira académica.»*

Thomas Wetherell, o advogado responsável pelo espólio de Myrddin, recusou-se a comentar a investigação. A própria Angharad Myrddin também se recusou a prestar declarações.

O Times *contactou o pai dela, Colin Blackmar, autor de «Os Sonhos de um Rei Adormecido» e um dos associados próximos de Emrys Myrddin. Ele afirmou que estes documentos são «sem dúvida falsificações» e que não hesitaria em recorrer a ações legais contra o jornal caso fossem publicados.*

Kitteridge Marlowe, editor-chefe da Greenebough Publishing*, editora de longa data de Myrddin, partilhou o mesmo sentimento.*

«Estas alegações são difamatórias e fraudulentas», declarou Marlowe, numa chamada telefónica indignada, «e estes estudantes não passam de uns oportunistas provocadores. Um deles é uma mulher, pelo amor dos Santos, e o outro é argantiano.»

O Times *pode confirmar que um destes estudantes é uma mulher — a primeira a ser admitida na prestigiada faculdade de literatura da universidade — e que o outro é um cidadão argantiano.*

À medida que a guerra de doze anos com Argant prossegue sem um fim à vista, o estatuto póstumo de Myrddin como autor nacional é considerado por muitos essencial para manter a eficácia do exército de Llyr e o moral dos seus soldados. Em resposta a preocupações sobre como estas revelações poderiam afetar o esforço de guerra, o Ministério da Defesa de Llyr emitiu uma breve nota:

«Confiamos que os nossos colegas do Ministério da Cultura estão a investigar estas alegações com o rigor necessário. Contudo, para levar a cabo tal investigação, o Ministério deve ter liberdade para trabalhar com discrição e sem interferências ou agitação por parte do público. Quando a verdade por detrás destas alegações for definitivamente apurada, o Ministério decidirá qual o curso de ação a tomar.»

Os dois estudantes, Euphemia Sayre e Preston Héloury, não puderam ser contactados para prestar declarações.

ARTIGO DO *LLYRIAN TIMES*, NO VIGÉSIMO TERCEIRO DIA DO INVERNO, 238 D. A.

Effy nunca se sentira tão aterrorizada ao ver o seu próprio nome. Ali, impresso em tinta negra e austera, parecia uma censura. Um aviso.

— O Fogg prometeu. — Os dedos de Preston apertaram a borda do papel, ocultando o título do artigo. — Ele prometeu que não exporia os nossos nomes ao *Times*.

— Pelo menos ainda ninguém pendurou cartazes de procurados — comentou Effy, sombria. *Por enquanto.*

Preston soltou um suspiro, dobrou o jornal e colocou-o dentro da sua mochila. Depois, empurrou-a de volta para debaixo do telheiro do quiosque de jornais. Começava a chover.

A chuva nunca se fazia esperar por muito tempo em Caer-Isel, mas Effy desejava que as nuvens se tivessem contido só mais uns instantes. Assim, teria de atravessar o pátio a correr e *ainda* chegaria atrasada à aula, com o cabelo molhado, sem fôlego e longe da brilhante primeira impressão que esperava causar.

Preston empurrou os óculos pela cana do nariz e ficou a segurá-los ali, um hábito nervoso que lhe deixava pequenas marcas rosadas na pele, que pareciam dolorosas e duravam dias. Effy sabia que, se tivessem mais espaço debaixo do telheiro, ele estaria a andar de um lado para o outro.

Com cuidado, agarrou-o pelo pulso e afastou-lhe a mão do rosto. Ao fazer isso, espreitou para o relógio dele. *Três minutos*.

Preston pestanejou, subitamente animado — como se despertasse de um sono profundo — e disse:

— Tens de ir. Não quero que chegues atrasada.

— Eu sei. — Effy mordeu o lábio e olhou para o pátio. A estátua de Sion Billows, fundador da universidade, estava coberta por uma camada de geada, mas a chuva caía como rajadas de balas, começando a desfazer a crosta de neve. — Algum conselho que me queiras dar?

— Ficaste com o professor Tinmew, certo? — perguntou. — Ele é um formalista, por isso não é grande coisa no que diz respeito ao diálogo. É uma aula expositiva, direta. Ele só aceita duas perguntas por aula. — Os olhos de Preston brilharam com uma sombra de divertimento. — Uma vez deu-me um 10 pelo estilo, mas um 20 pelo conteúdo, e fez a média para um 15. Porque a minha caligrafia era descuidada.

— Não parece o tipo de professor que aprecia atrasos.

— Não — concordou Preston —, mas fuma o cachimbo debaixo do beiral antes de cada aula. Vais ficar bem… se te apressares.

O coração de Effy encheu-se de ternura por ele. Colocou-se nas pontas dos pés para lhe depositar um beijo na bochecha.

— Obrigada — disse. Depois apertou a fita preta que usava para prender o cabelo, respirou fundo para se preparar e disparou pelo pátio, sob a chuva gélida de inverno.

O edifício principal da faculdade de literatura, sendo o mais prestigiado das cinco faculdades da Universidade de Llyr, era tão sumptuoso quanto o palácio de um rei. Embora Effy tivesse deixado o curso de arquitetura para trás sem nostalgia alguma, ainda conseguia apreciar os elaborados e opulentos detalhes arquitetónicos do edifício. As cornijas eram esculpidas com grande minúcia, exibindo padrões de vinhas entrelaçadas, flores e rostos de homens-verdes a emergir de leitos de folhas. Algumas das mísulas estavam deterioradas — compreensível, dado que a faculdade resistira ao tempo e à guerra durante mais de um século —, mas ainda se conseguiam distinguir na maior parte. Sete dragões de pedra, com os corpos longos e escamosos enrolados sobre si mesmos como moluscos, sustentavam o lintel onde estavam gravados os nomes dos Adormecidos.

Aneurin, o Bardo. *Perceval ab-Owain. Tristram Marlais. Gelert Bedwyn-Lawes. Robin Crother. Laurence Ardor, Lorde de Landevale. Emrys Myrddin.*

Ao ver este último nome, Effy deteve-se subitamente nos degraus. Um sentimento de desalinho apoderou-se dela, algo que parecia torcer e retorcer a própria essência da sua alma. Primeiro surgiu a raiva, e essa era fácil, um fio de calor a subir pela sua coluna. O que se seguiu, a dor, esvaziou-a por dentro. Sentiu-se como um invólucro raspado, uma concha lançada vezes sem conta pela maré e desgastada até à translucidez.

De repente, sentiu-se muito fatigada.

Effy abanou a cabeça. Gotículas de água desprenderam-se do seu cabelo loiro molhado. Não conseguia pensar em Myrddin, agora não, nem mesmo ao entrar no edifício onde o seu nome estava gravado. Não podia permitir-se distrair-se, nem ser intimidada. Era o seu primeiro dia como estudante de literatura, e tinha decidido (com uma confiança e determinação que, naquele momento, não conseguia sentir) ser brilhante.

Ser *competente* não bastava. Tinha de ser *excecional*. Tinha de provar que pertencia àquele lugar, que não era demasiado leviana, demasiado vazia, demasiado fútil. Por si mesma, por Angharad e por todas as mulheres que a faculdade de literatura iria admitir a partir do ano seguinte. O reitor Fogg prometera.

Effy tentou não pensar no facto de que o reitor Fogg já tinha quebrado uma das suas promessas. *Os dois estudantes, Euphemia Sayre e Preston Héloury…*

Obstinadamente, afastou esses pensamentos da mente. Depois, empurrou a porta e entrou, pela primeira vez, na faculdade de literatura.

O calor do átrio foi um alívio imediato e bem-vindo, embora Effy ficasse surpreendida e ligeiramente horrorizada ao encontrá-lo vazio. Levantou os olhos para o relógio. Eram 14h15, o que significava que todos os outros estudantes de literatura já deviam estar sentados nos seus lugares. O seu estômago revirou-se. Abriu a mochila, conferiu o programa de estudos mais uma vez e depois apressou-se pelo corredor até à sala de aula, a primeira à esquerda.

LL101 Introdução à Literatura: Anfiteatro 113

Effy tinha a *certeza* de que estava atrasada, de que seria humilhada no seu primeiro dia, mas devia ter dado mais crédito a Preston. Embora

os lugares no anfiteatro estivessem quase todos ocupados, não havia ninguém no púlpito. Ela soltou um suspiro baixo, aliviada.

Avançou com passo firme pelo corredor central, o queixo erguido, os olhos a varrerem a sala em busca de um lugar vago. Tinha ensaiado este momento vezes sem conta, imaginando-se a entrar num silêncio solene, sem enrubescer, sem vacilar. Mesmo quando dezenas de cabeças se voltaram e aqueles olhares hostis e desconfiados se cravaram nela, Effy prometera a si mesma: *não te encolhas diante deles*.

Todos a deviam reconhecer, fosse pelo escândalo com o Mestre Corbenic, fosse pela mensagem fria e lacónica do reitor Fogg a anunciar a chegada de uma nova estudante — uma *mulher* — à faculdade de literatura, fosse pela manchete do *Llyrian Times*, já a circular nas mãos de centenas de alunos. Preparara-se para os sussurros, para as injúrias murmuradas.

Effy já enfrentara monstros e sobrevivera ao afogamento. Resistira às águas negras, vencera horrores ancestrais, arrancara a verdade como quem arranca uma espada de uma pedra esquecida. Também seria capaz de suportar isto.

Todavia, ao percorrer o corredor, reparou numa estranheza: todos os estudantes vestiam o mesmo traje, *blazers* negros e calças igualmente escuras sobre camisas brancas de botões. Os casacos exibiam vivos em verde e dourado, com as gravatas cruzadas, da mesma combinação de cores, brilhando sedosas sob a penumbra do anfiteatro, com botões que cintilavam como carapaças de escaravelho.

Não que o uniforme lhe fosse desconhecido; pelo contrário, reconhecia-o bem. Eram as cores da faculdade de literatura da Universidade de Llyr. Também ela recebera o seu, embora nas cores preto e vermelho da faculdade de arquitetura, claro. O regulamento da universidade exigia, em teoria, o uso de uniforme em todas as aulas, mas tratava-se de uma regra arcaica e nunca cumprida. Durante todo o tempo que ali passara, Effy nunca vira ninguém a usá-lo. Parecia deslocado, quase pueril, como as lãs ásperas das camisolas que fora obrigada a vestir em criança, tingidas de cores patrióticas.

Seria, talvez, um costume próprio da faculdade de literatura?, perguntou-se Effy. Mas então Preston já a teria avisado. Desconcertada, sentindo a

humilhação a infiltrar-se-lhe nas veias como frio glacial, encontrou o lugar mais próximo e deixou-se cair na cadeira. O rapaz ao lado afastou-se, torcendo o lábio num esgar.

Não te encolhas diante deles. Effy agarrou o tecido da saia com os dedos cada vez mais húmidos.

Sempre que sentia o chão a fugir-lhe, Effy pensava em Angharad. Enclausurada nas paredes inchadas por causa da humidade na Mansão Hiraeth, que oscilavam à sua volta como um ébrio, com o soalho a ranger debaixo dos pés, prestes a ceder, ela lutara. Sem gestos heroicos — sem espadas erguidas, sem armaduras reluzentes, mas travando, dia após dia, um combate silencioso contra o Rei das Fadas.

Que pequena batalha era esta, em comparação. Effy ergueu a cabeça e obrigou as mãos a não tremerem enquanto retirava os livros da mochila.

Nesse instante, a porta do anfiteatro rangeu de modo pouco convincente. Um dos alunos mais próximos da entrada levantou-se de rompante e escancarou-a com um gesto urgente. Manteve-a aberta, até que, por fim, o professor Tinmew começou a avançar lentamente pelo umbral.

Ele não era nem de perto tão velho quanto Effy imaginara, e certamente não tanto quanto o seu andar arrastado sugeria. Alto e esguio, tinha membros longilíneos, quase de ar aracnídeo, e uma escassa cabeleira castanho-grisalho que parecia agarrar-se ao crânio com relutância. Usava óculos de armação quadrada e, de facto, um cachimbo sobressaía do bolso do casaco de *tweed*. Mesmo da terceira fila, Effy podia sentir o odor a tabaco que dele emanava.

O professor Tinmew avançou, nesse seu compasso lento, até ao púlpito. Mal lá chegou, um estudante ergueu-se de imediato e pousou diante dele uma caneca de chá ainda a fumegar. Tinmew ergueu-a, bebeu um grande gole e pousou-a. Limpou o canto dos lábios, finos e húmidos como vermes, com um lenço e, só então, falou.

— Que tempo impróprio — observou. — Para o tema da nossa aula: um jardim imutável, eternamente em flor.

A sala rebentou em gargalhadas, como se tivesse acabado de ouvir uma piada magnífica. Effy pestanejou, e esforçou-se por contorcer os lábios num esboço de sorriso.

— Muito bem — prosseguiu Tinmew. — Ficámos na quarta linha, décima quinta estrofe. Antes de abordarmos o sentido, recitemos a escansão.

Escansão? Effy folheou freneticamente até à página que marcara na véspera, depois de ter passado os olhos pelo programa da disciplina. Entrara a meio do semestre e ainda não tivera tempo de ler o texto com atenção.

Tratava-se de «O Jardim de Pedra», um longo poema de Laurence Ardor, Lorde de Landevale, o sexto dos Adormecidos. Effy lembrava-se de ter passado diante do seu caixão de vidro no museu, fitando o seu rosto gélido. Não lhe causara grande impressão. Os lábios, repuxados num enigmático esgar, podiam denunciar dor ou desdém; era impossível saber.

Antes mesmo de Effy encontrar o trecho, as vozes dos estudantes elevaram-se em uníssono, num coro retumbante:

— *Um, dois, quatro, um, três, dois, três*.

Effy não teria ficado mais confusa se eles tivessem começado a falar em argantiano. Olhou para a página, como se os números pudessem surgir-lhe diante dos olhos, mas apenas se alinhavam ali as palavras do Lorde de Landevale (*Encontrei a minha morte imortal nos sonhos*).

Quase entorpecida pelo choque, e com o pânico a insinuar-se, Effy espreitou o livro do estudante ao lado. Acima de cada palavra, rabiscados a lápis, estavam números de um a quatro. *Números*, o seu antigo tormento, que julgara ter deixado para trás com alívio ao abandonar o curso de arquitetura. Agora, ressurgiam diante dela, cruéis.

Effy encolheu-se no assento. As vozes altas, mas totalmente desprovidas de emoção, dos colegas pareciam comprimi-la, como se o próprio ar denunciasse a sua condição de intrusa. Até que, pouco a pouco, começaram a esvanecer-se, e os seus ouvidos encheram-se de um ruído branco que mantinha todos os sons à distância. O seu corpo, num instinto de defesa, isolava-lhe a mente do medo e do perigo.

Não, repreendeu-se com severidade. Não podia permitir-se desaparecer assim. E, de resto, para onde fugiria? Não havia outro mundo escondido sob o real, nada além do vazio negro e gélido do esquecimento. O Rei das Fadas partira, e levara consigo o mundo dos sonhos.

Effy cravou as unhas na carne macia e pálida do interior do pulso. A dor, aguda e imediata, trouxe-a de volta a si mesma. Devolveu-lhe os sentidos, ancorando-a outra vez naquele lugar sem alçapões no chão nem fendas nas paredes.

DOIS

O contador de histórias é um mentiroso, mas a história que conta é verdadeira.

DOS DIÁRIOS DE ANGHARAD MYRDDIN, 194 D. A.

— Não me disse que tinha falado com o jornal.

Como o vapor a subir de um caldeirão, uma nuvem de fumo quase envolveu a cabeça do Mestre Gosse. Ele expeliu o fumo do cigarro com tanta força que este lhe encobriu quase todo o rosto antes de se espalhar, de forma ameaçadora, na direção de Preston, que se encolheu e reprimiu uma tosse.

— O que disse, Héloury? — perguntou Gosse, a voz abafada.

Desgostoso com toda a cena, Preston esmagou o próprio cigarro no cinzeiro.

— A primeira página do *Llyrian Times*. Entrevistaram-no para o artigo sobre Myrddin.

O fumo dissipou-se, revelando o rosto de Gosse por detrás dele. As faces, sempre tensas e rosadas, davam-lhe o aspeto de quem acabava de chegar do frio. Essa impressão reforçava-se com o cabelo negro desgrenhado, eternamente despenteado, e o bigode exuberantemente encaracolado, que parecia nunca ter sido untado nem penteado. Os olhos eram azuis, mas baços, com um tom turvo que por vezes os fazia parecer quase negros, como fragmentos de vidro fumado.

— Não me parece — respondeu finalmente Gosse, dando mais uma passa no cigarro.

— Não lhe parece o quê?

— Chamou-lhe um artigo sobre Myrddin. Eu diria que era mais um artigo sobre si.

Preston enrijeceu na cadeira. Inclinando-se para a frente, perguntou:

— Então já sabia? Que o reitor Fogg ia dar os nossos nomes ao jornal?

O Mestre Gosse pousou o cigarro na borda do cinzeiro e esboçou um sorriso indulgente.

— Chegar à primeira página do *Llyrian Times* por causa da sua bolsa é um feito e tanto. Quantos anos tem, Héloury? Dezanove?

— Vinte. — Preston obrigou o maxilar a relaxar. — E dificilmente era um artigo sobre a minha bolsa.

— Pois espero que não se esqueça do seu velho e querido orientador quando estiver a apertar as mãos de políticos e a posar para capas de revistas. — Os olhos de Gosse brilharam. — A sua colega tem, aliás, um rosto para fotografias, não acha? Pode muito bem aquecer as massas de Llyr a favor da sua causa.

A simples ideia de aparecer numa revista sensacionalista deixou Preston vagamente enjoado.

— Eu e a Effy só queremos que este assunto seja tratado com a dignidade que merece. Isto é sobre verdade, verdade objetiva, não mexericos nem celebridade…

Gosse soltou uma gargalhada.

— Devia ter pensado nisso antes de acusar o autor mais famoso da história de Llyr de fraude. — Preston abriu a boca para protestar, mas Gosse não lhe deu tempo. — E sim, eu sei que fui eu quem o incitei a isso, mas todo o académico precisa de uma pitada de polémica na sua carreira. É revigorante, como um banho de gelo.

— Obrigado pelo encorajamento — afirmou Preston, num tom apagado. — Foi por isso que me chamou?

— Não. — A alegria e a ironia desapareceram-lhe quase de imediato dos olhos. O rosto tornou-se uma máscara de solenidade e a voz ganhou um tom grave. — De modo algum.

Levantou-se da cadeira atrás da secretária e aproximou-se da janela. A chuva de inverno salpicava o vidro, transformando-o numa

superfície marmoreada e translúcida. Preston esperava que Effy tivesse chegado à aula antes de a tempestade se intensificar, e desejou também que tivesse cuidado ao regressar ao dormitório. A neve derretida cobria as esquinas das ruas e o chão estava escorregadio e traiçoeiro.

Pensar nela era sempre assim: primeiro um ímpeto de ternura, depois uma fisgada de medo. Os poemas de amor nunca falavam desse fio de terror. Seria ele o único mal preparado para este sentimento, demasiado inquieto, demasiado ansioso para amar sem reservas? Ou seria o objeto da sua afeição singularmente vulnerável?

Ao vê-la afastar-se naquela manhã, atravessando o pátio, desaparecendo debaixo da chuva gelada e da névoa cinzenta, Preston travara uma batalha consigo próprio. O impulso de a proteger lutava ferozmente contra o desejo de a ver livre. Se a mantivesse cativa por medo, não seria melhor do que Ianto. Não seria melhor do que Myrddin.

Gosse fitou a janela por longos instantes, embora dificilmente conseguisse ver mais do que o gelo a acumular-se nos vidros ou o ténue brilho amarelado dos candeeiros de rua, acesos antes do tempo para rasgar caminho pela névoa e pelo granizo. Reinava um silêncio estranho, interrompido apenas pelo tamborilar da chuva no vidro e pelo sopro serpentiforme do radiador. Um desconforto frio abateu-se sobre Preston como um manto, e ele estendeu a mão para pegar noutro cigarro.

Foi nesse momento que Gosse se voltou.

— Acredita em fantasmas, Héloury?

Ainda bem que o cigarro não lhe tinha chegado aos lábios, pois ter-se-ia engasgado. Gosse era dado a troças, mas Preston não lhe divisava agora nenhuma centelha de humor no olhar. O seu olhar era intenso, fixo, como o de uma ave de rapina sobre a presa.

— Não — respondeu, recuperando do choque. — Não no sentido literal. Não.

— Hum. E em fadas?

O corpo inteiro de Preston enrijeceu.

— Não.

— Interessante. — Gosse começou a caminhar de novo na direção dele. — Nenhum olhar curioso para as obscuridades sedutoras do mundo. E quanto aos nossos Adormecidos? Acredita que os corpos

são preservados por químicos, como flores numa estufa, como alega o Ministério da Cultura, ou será magia que os mantém intactos, como defendem as superstições do Sul?

A ênfase com que Gosse dissera *nossos* fez Preston sentir-se excluído do alcance do pronome. Um arrepio percorreu-lhe a pele, uma mistura de frio e desconforto como se o ar gélido do inverno tivesse entrado pela janela. Mas talvez estivesse a imaginar coisas. Talvez fosse apenas a consciência aguda, naquele momento, de ser *um cidadão argantiano*.

— Não penso que exista nada que a ciência não consiga explicar — respondeu. Mas a voz tremeu-lhe ligeiramente, porque Effy tinha razão: era um péssimo mentiroso.

Quando estávamos em Hiraeth e eu dormia no escritório de Myrddin, em algumas manhãs acordava com o som de sinos vindos de fora da janela. Também os ouvias?

Ainda agora, a lembrança daquele som ecoava-lhe na mente, vibrante e límpida. O grave e antigo repicar de um badalo de uma cidade perdida sob as ondas.

Não, respondera Effy, com tal expressão de dor no rosto que Preston logo se arrependera de perguntar. *Nunca os ouvi*.

E assim ficara sozinho com aquele conhecimento, que por vezes parecia ser o mesmo que estar sozinho no mundo — porque tinha, contra a sua vontade e com grande esforço, entrado num reino que não se regia pela razão, onde a verdade e a sabedoria se estilhaçavam, cedendo lugar apenas à escuridão.

— Então deve ter achado o diário de Angharad Myrddin o delírio tresloucado de uma louca — disse Gosse com um tom leve, quase jovial.

Preston crispou os dedos contra o couro da poltrona. Sabia, desde o início, que aquele momento chegaria. Considerara, mais de uma vez, se não teria sido prudente suprimir algumas partes do diário. Se a presença da magia — de que Angharad escrevia como se fosse real — não corroeria a credibilidade do resto da narrativa. A verdade era algo tão frágil, uma proteção tão ténue contra o escrutínio malicioso.

Mas nunca ousara dizer isto em voz alta. Sabia que Effy nunca o permitiria, e que seria uma traição à confiança de Angharad. Perguntava-se se não seria cobardia da sua parte agarrar-se a essa ideia de verdade

como a uma boia em pleno mar revolto, em vez de se deixar levar pelas ondas e ver se sobreviveria. Effy fizera-o toda a vida, à deriva sozinha naquelas águas impiedosas. Ao menos ele podia tentar.

Também os ouvias?

Ainda assim, por mais que tivesse refletido sobre o assunto nas últimas semanas, Preston descobria-se agora perdido.

— Ela é uma escritora — afirmou, com uma voz vazia que tornava as palavras pouco convincentes. — Uma escritora muito talentosa. Criou um mundo metafórico onde podia exprimir as suas esperanças e os seus medos.

— E, no entanto — atalhou Gosse —, se alguém lesse as suas histórias ao pé da letra, despidas da segurança da alegoria, daria por si a acreditar em magia.

Preston ergueu o olhar para Gosse. As palavras assomavam-lhe, um verdadeiro dilúvio delas, mas nenhuma que conseguisse alinhar numa frase. Por um momento que lhe pareceu agonizantemente longo, a sala ficou mergulhada em silêncio.

— É de facto desesperadamente leal a essa noção de verdade — disse Gosse por fim, num tom que parecia oscilar entre a afeição e o desdém. — Tenha cuidado, Héloury. Pode dar por si a venerar cegamente o altar da razão, como os fiéis veneram o altar dos seus santos.

— Não diria que as duas coisas são equivalentes — respondeu Preston secamente. E não acrescentou mais nada. Naquele instante em particular, desejava apenas que uma onda titânica irrompesse pelo chão e os engolisse a ambos. Qualquer coisa que o libertasse da tirania daquela conversa, que cada vez mais se assemelhava a um interrogatório.

Em vez de responder, Gosse inclinou-se para a frente. Retirou do bolso uma pequena chave dourada, que encaixou na fechadura da gaveta inferior da secretária. Revolveu uma série de pastas até escolher um maço espesso de papéis, atados com um cordel. Fechou a gaveta e endireitou-se de novo, o cabelo ligeiramente desalinhado pelo esforço, colocando o embrulho sobre a secretária. A chave voltou ao bolso.

Preston inclinou-se no assento para espreitar os papéis. A caligrafia foi de imediato familiar, e um choque inquieto percorreu-o. Eram cópias do diário de Angharad.

— Tomemos, por exemplo, este Rei das Fadas — disse Gosse. — Ela escreve sobre ele pelo menos tantas vezes quanto escreve sobre as outras pessoas da sua vida, o marido e o filho. Como se fosse tão real quanto eles.

O maxilar de Preston enrijeceu-se.

— Tanto Ianto como Emrys foram fontes de dor para Angharad. Não é difícil imaginar por que razão teria criado esta entidade separada, na qual podia projetar todo o abuso e toda a depravação deles, preservando, ao mesmo tempo, a ideia da sua família verdadeira como algo positivo e amoroso.

— Ah, portanto está a dizer que ela *era* louca.

— *Não* — respondeu Preston com veemência. — Estou a dizer que fez o que pôde para sobreviver.

Gosse ficou em silêncio por um instante. Começou a remexer nos papéis fotostáticos. Quando Preston viu que tinham sido sublinhados, anotados, cheios de marcadores e comentários, uma fúria inesperada, mas avassaladora, tomou conta dele. Já sabia que seria assim, que os vestígios da vida de Angharad acabariam por ser alvo de escrutínio e das divagações pretensiosas de académicos distantes, mas ver a prova diante de si enojava-o.

— Não sou seu inimigo, Héloury — disse finalmente Gosse. Ergueu o olhar e fixou Preston com uma intensidade que o pregou ao lugar. — Nem neste assunto, nem em qualquer outro. Pense nisto como um exercício de criatividade. Faça-me o favor de ver a sua imaginação a expandir-se. Talvez seja apenas a loucura que permite ver a verdade na sua totalidade.

Preston engoliu em seco. *Também os…*

— Admitamos, só por um instante, pondo de lado a sua obsessão com a ciência, que Angharad Myrddin escreveu com os olhos bem abertos e a mente lúcida. Que estas aparentes impossibilidades da natureza podem existir, e *existem*. Que o Rei das Fadas é real, e que há um mundo de magia, *para lá* da razão, que se esconde algures acima, ou abaixo, ou *dentro* do mundo que sempre conhecemos.

— Sou um académico — respondeu Preston. Mas a própria voz soou-lhe estranha, distante, como um eco ouvido debaixo de água —, não um mágico.

Mas ouviste-os, sussurrou-lhe a mente traiçoeira. *Os sinos, os sinos, o impossível repicar dos sinos.*

— Talvez seja apenas uma questão de semântica — respondeu Gosse.

Preston começava a perguntar-se se o Mestre Gosse não teria antecipado demasiado o seu uísque das seis. Não seria a primeira vez. Mas cada palavra do seu orientador era dita com uma solenidade consumada.

— Pelo bem do argumento, então — disse Preston, já com o cansaço a apoderar-se dele —, o que significaria se as palavras de Angharad fossem verdadeiras? Que faria?

— *Bem* — respondeu Gosse —, suponho que teria a obrigação, como académico, de procurar uma prova definitiva da sua veracidade. A busca da verdade objetiva… certamente concorda que esse é o propósito último da investigação, não, Héloury?

Ansiando pelo fim daquela conversa interminável, Preston fez um gesto de reprovação com a cabeça.

— E quem conseguisse provar uma coisa dessas… — Os olhos de Gosse tinham-se alargado e brilhavam de forma assombrosa. — Esqueça as disputas infantis sobre o legado de Myrddin. Esqueça a cortesia com o reitor Fogg, ou o cortejar de políticos e jornalistas para o seu lado. Quem provasse tal coisa faria este país inteiro, esta ilha inteira, cair de joelhos.

Talvez o Mestre Gosse tivesse ingerido algo mais forte do que uísque.

— No imediato, talvez o meu tempo esteja melhor empregado a concentrar-me na escrita da minha tese — disse Preston —, não em provar a existência da magia e pôr governos de rastos diante de mim.

Os olhos de Gosse desviaram-se para a janela, agora opaca de gelo e, seguramente, impenetrável ao seu olhar. A não ser que visse ali algo que Preston não via.

— Muito bem — disse Gosse, voltando a fitá-lo. — Mantenha-me a par dos seus progressos, claro, e avise-me se eu puder ser útil.

Preston assentiu com a cabeça. Já se erguia, mas o olhar persistente de Gosse parecia empurrá-lo de volta à poltrona, mantendo-o ali.

— Mais uma coisa — acrescentou Gosse.

Preston ficou suspenso, meio sentado, meio de pé.

Movendo-se com deliberação, Gosse inclinou-se novamente e abriu a gaveta superior da sua mesa. Tirou o que parecia ser um embrulho de roupa e pousou-o diante de Preston.

— Tem o uniforme da faculdade, não tem? — perguntou Gosse.

— Sim — respondeu Preston, pestanejando. — Mas porquê…

— Nova política — interrompeu Gosse. — Ou melhor, não é nova, mas agora está a ser aplicada. O reitor Fogg enviou uma missiva. Todos os estudantes da universidade devem usar os seus uniformes nas aulas e em outros eventos e atividades escolares.

Preston levantou-se finalmente da cadeira e olhou para o embrulho de roupa. Entre as dobras negras, viu riscas verdes e douradas, as cores da faculdade de literatura. Idênticas às suas, e, no entanto, pareciam diferentes de algum modo, mais pequenas…

— Estas são para a sua compatriota — disse Gosse. — Imagino que ela não tenha um conjunto nas cores da nossa faculdade. E também imagino que não se importe de lho entregar.

O tom conspiratório e ligeiramente viscoso na voz de Gosse fez a pele de Preston arrepiar-se. Ele desdobrou o tecido: havia um *blazer*, uma gravata e uma saia preta plissada.

— O reitor Fogg deu alguma razão para esta nova política?

Gosse arqueou uma sobrancelha.

— Não quero espalhar boatos. Mas, com toda a comoção que você causou e a crescente desesperança no esforço de guerra, imagino que se sinta pressionado a apertar as regras, por assim dizer.

Era uma forma bastante eufemística de colocar as coisas, pensou Preston. A súbita viragem para o tradicionalismo era evidente. E era de facto uma *viragem* — a política da universidade a regredir às suas raízes mais conservadoras. Para uma época em que, muitos recordavam com nostalgia, não havia mulheres entre os estudantes, ninguém sem sangue aristocrático ou *pedigree* familiar, e, certamente, nenhum argantiano.

Um músculo latejou no maxilar de Preston.

— Entendo.

— Na verdade, não deveria levar a mal — disse Gosse, num tom leve. Depois meteu a mão no bolso. — Ou talvez, se levar, isto possa animá-lo.

Gosse estendeu a mão. Na palma aberta repousava um pequeno alfinete dourado em forma de dragão. Brilhante e polido, com uma pequena pedra verde a fazer de olho, Preston reconheceu de imediato a mesma criatura do símbolo da faculdade de literatura.

— O que é isto? — interrogou.

— Tenho a certeza de que está familiarizado com o papel de um delegado. Juntamente com a política do uniforme, convenci o reitor Fogg a revivificar também esta tradição. Como delegado, será o representante dos estudantes da faculdade: os meus olhos e ouvidos entre os alunos. Não se preocupe, é maioritariamente um papel simbólico. Mais uma conquista para enriquecer um currículo já de si impressionante.

Preston ficou paralisado de choque. Gosse teve de lhe agarrar o pulso, abrir-lhe os dedos e depositar o alfinete na sua mão. Só então Preston virou o pequeno dragão, sentindo a textura em relevo das suas escamas. E, ainda assim, tudo o que conseguia pensar era que aquelas eram as primeiras mãos argantianas a tocá-lo.

— Bem, podia *agradecer-me* — referiu o Mestre Gosse, fingindo estar ofendido. — Outro mestre poderia ter escolhido algum bajulador choramingas… como aquele Southey, do quarto ano. Mas sempre tive uma certa queda por um ar imperioso. Também eu já fui muitas vezes acusado de arrogância e capricho, mas…

A voz do Mestre Gosse esbateu-se ao fundo enquanto Preston olhava para o alfinete do dragão. Apesar de toda a sua opulência, do brilho intacto do verde e do dourado, havia algo inquietantemente inanimado nele. Não a inércia comum de um objeto que nunca teve vida, mas a rigidez sombria de uma criatura que outrora viveu e que agora fora transformada em pedra por magia. Uma espécie de morte mística.

Preston fechou os dedos em torno do alfinente, deixando que o frio se infiltrasse na sua pele. Olhou novamente para o Mestre Gosse.

— Mais vale ir andando, Héloury — afirmou Gosse —, ou ficaremos ambos encurralados neste gabinete com apenas um quarto de garrafa de uísque para sobreviver. E leve também esse uniforme para a sua compatriota. — Os lábios esticaram-se num sorriso radiante. — Talvez tenha de o alargar no busto.

Com o rosto a arder, Preston agarrou no embrulho da roupa em cima da secretária. Enfiou o uniforme debaixo do braço, decidido a protegê-lo o melhor possível da neve que caía cada vez mais depressa, e saiu do escritório do Mestre Gosse sem dizer mais uma palavra.